

SHA - CÂMARA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, HUMANAS, LETRAS E ARTES (PÔSTER)

NOME: MARCELO PESSOA DE OLIVEIRA

TÍTULO: AS RELAÇÕES ENTRE CULTURA, LITERATURA E EROSÃO DA BIODIVERSIDADE

AUTORES: MARCELO PESSOA DE OLIVEIRA

ORIENTADOR:

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): CNPq

PALAVRA CHAVE: Literatua e Biodiversidade; Cultura; Sociedade; Meio Ambiente.

RESUMO

AS RELAÇÕES ENTRE CULTURA, LITERATURA E EROSÃO DA BIODIVERSIDADE

Marcelo Pessoa (UEMG / USP)

Bolsista PDJ CNPq

Nossa pesquisa buscou, em nível de pós-doutorado, estabelecer um redirecionamento de nossas linhas de pesquisa. Assim, no Projeto "Biodiversidade de Microcrustáceos de Água Doce em Campos Rupestres" – SISBIOTA iniciamos uma intensa revisão de nossa produção científica até o doutorado, buscando, primeiramente, diagnosticar nelas lacunas, depois, incrementá-las com um novo conjunto de valores teóricos e metodológicos.

Por meio da utilização de protocolos de avaliação ecológica rápida, da confecção de diários de campo manuscritos, fomos enxergando as partes de um complexo quebra-cabeça que nos conduziam à percepção de como a atividade econômica, política e sociocultural humana se relaciona com aspectos particulares da erosão da biodiversidade.

Por exigências do projeto de pesquisa, visitei o entorno da Serra da Canastra, em São Roque de Minas e demais cidades da região – MG, e, também, da Serra de Pirineus, em Pirenópolis – GO, da Serra de Cristalina, em Goiânia – GO, da Serra de Caldas Novas, em Caldas Novas – MG, da Chapada dos Guimarães – MT, da Chapada Diamantina, Mucugê e Palmares – BA, da Chapada dos Veadeiros, Alto Paraíso – GO, da Serra do Cipó – MG, do Parque Nacional de São Gonçalo do Rio Preto – MG.

Infringindo o limite dos métodos da análise do discurso e da teoria literária (COMPAGNON, 2010), investi tempo de leitura, estudo e de criação pessoal nas construções teóricas que pudessem dar conta da compreensão que desejava ter sobre os principais campos rupestres do país previstos como objetos corpus de nossa pesquisa (PESSOA, 2011).

No calor e proximidade com o objeto de pesquisa que só o trabalho de campo permite, agi como um cronista de viagem, mas, sobretudo, atuei como um crítico literário e crítico cultural aprendiz de minha própria cultura e de suas respectivas poesias. Dilatei os territórios e os limites da metodologia científica, até o ponto em que ela alcançasse as variáveis comportamentais e psíquicas do ser humano em sua relação com o meio em que vive, e foi assim que ampliei a minha capacidade visual e auditiva (ZUNTHOR, 2010).

Vi-me ainda diante de modelos teóricos que para mim eram novos, mas que sabia o haver herdado acadêmica e intelectualmente de grandes viajantes como o naturalista Charles Darwin, a bordo de seu barco "Beagle", bem como de grandes escritores como Júlio Verne e suas Viagens Extraordinárias, de Euclides da Cunha, em suas escrituras científicas, literárias e jornalísticas para escrever Os Sertões, ou de João Guimarães Rosa, no imensurável testamento de história poética do Brasil, o Grande Sertão: Veredas.

A população ou povo, expressões impregnadas de vieses históricos e ideológicos de boa e má compreensão, as edificações designadas como paisagem artificial ou frutos da intervenção antrópica, o entorno dos parques de proteção ambiental visitados, divididos em zona de amortecimento (composta pela população que ocupa áreas imediatamente ligadas às fronteiras dos parques) e zona de transição (composta por uma região mais abrangente, que faz a ligação da zona de amortecimento com outras cidades em volta do parque) nos serviram de pano de fundo para a revisitação a textos de literatos como esse: "Eu, por mim, não sairia mais daqui, porque o Brasil torna-se grotesco visto de longe. Infelizmente, a família é um cordão umbilical que me prende a essa cataplasma. Só agora meço em extensão o atraso, e a estupidez maior ainda, da nossa gente. Somos África pura" (Monteiro Lobato. In: SODRÉ & PAIVA, 2002, p. 15).

Daí, indagamo-nos se não seria o povo descrito por Monteiro Lobato uma entidade geneticamente modificada, ou fruto de uma série de incongruências socioculturais pós-coloniais que historicamente vitimam a América Latina, confinando-o ao reduto periférico típico do sujeito histórico terceiro-mundista, escravizando-o a uma periferia de subocupações que os salva temporariamente da fome e da miséria total ao mesmo tempo em que os incrimina e os tornam socialmente estigmatizados?

Por isso é que, numa aventura de ciência, de cultura e de vida, que mescla elementos metodológicos da tradição científica das ciências naturais a procedimentos da Antropologia via etnografia (FELDMAN-BIANCO, 2010), e da Comunicação Social via prática documentarista, que nosso trabalho filia-se ainda à análise do discurso, por meio da Literatura Comparada.

Referências

BHABHA, Homi K. O Local da Cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

COMPAGNON, Antoine. O Demônio da Teoria – literatura e senso comum. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

FILHO, Oswaldo Bueno Amorim. Literatura de Explorações e Aventuras: as "viagens extraordinárias" de Júlio Verne. In: MARANDOLA JR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Geografia e Literatura. Londrina: EDUEL, 2010, p. 79-97.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Antropologia das sociedades contemporâneas – métodos. São Paulo: UNESP, 2010.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. Saberes Ambientais – desafios para o conhecimento disciplinar. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

PESSOA, Marcelo. Estudos Culturais: a culturalidade e a culturariedade. Revista Todas as Musas, ano 03, nº 01, jul a dez de 2011, ISSN 2175-1277, disponível em

(http://www.todasasmusas.org/05Marcelo_Pessoa.pdf).

ROSSO, Mauro. Escritos de Euclides da Cunha: política, ecopolítica, etnopolítica. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2009.

SODRÉ, Muniz & PAIVA, Raquel. O Império do Grotresco. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

ZUNTHOR, Paul. Introdução à Poesia Oral. Belo Horizonte: UFMG, 2010.